

Se a Mediunidade Falasse 2

VAMPIRIZAÇÃO



GRUPO
MARCOS

VAMPIRIZAÇÃO

SE A MEDIUNIDADE FALASSE 2

GRUPO MARCOS



SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	v
1. A quem muito foi dado, muito será cobrado	1
2. A Escolha	11
3. Vampirismo: Usufruir Sem Contribuir	14
4. O Abraço Restaurador	28
<i>Sobre a Série</i>	37
<i>Conheça o Grupo Marcos</i>	41
<i>Coordenador do Grupo Marcos</i>	43
<i>Outras Obras</i>	45
<i>Contato</i>	47

PREFÁCIO

Jovem amigo,

Não te iludas quanto à necessidade do sacrifício íntimo para que conquistes a paz. O Evangelho é roteiro divino, a ser trilhado pelos corajosos de todos os tempos. Chega a hora em que as palavras do Messias devem se tornar atos, em cada instante de tua vida. Para trás com as ilusões de outrora, avante com as conquistas do ideal superior, da fraternidade e do amor. A vampirização não envolve apenas as relações entre encarnados e desencarnados. A vampirização é a marca concreta das relações sociais em mundos inferiores como a Terra, sendo preciso reconhecer que toda a exploração e a subjugação vaidosa do próximo é um ato vampirizador.

Não te assustes com isso, estás no mundo para mudar a triste realidade social de Terra, tornando-te abnegado, prestativo com os que mais sofrem, justo em tua escola e em teu trabalho. Ama, e a vampirização deixará a Terra. Acomoda-te, e serás mais uma vítima de ti mesmo, nesse imenso vale de tristeza, formado pela busca incessante de prazeres mentirosos. A verdadeira alegria, o prazer saudável, este terás toda vez que, unindo-te ao Cristo e a teus amigos nobres, agires em nome do Bem. Aprenda com Atilde, personagem deste livro, que, apenas renunciando, alcançarás a paz verdadeira em teu coração.

Prefácio

Com o peito empolgado de alegria, despeço-me, desejando que um dia façamos todos a vontade do Mestre: nos amemos como ele nos amou e ama.

Paz,

Ivan de Albuquerque.

A QUEM MUITO FOI DADO, MUITO SERÁ COBRADO

Felipe vai dormir no horário de sempre. Concentra-se, pede o amparo de Deus, abre o **Evangelho Segundo o Espiritismo** “ao acaso” e lê o trecho dos itens 10 a 12 do capítulo XVIII, com atenção. Faz uma prece e adormece, pensando no significado da afirmação de Jesus que dá nome a este trecho: *A quem muito foi dado, muito será cobrado.*

Após adormecer, Felipe sai do corpo e começa a ver cenas terríveis.

O quarto está escuro, o clima espiritual é assustador. Ele ouve gemidos e gritos ameaçadores e vê sombras de seres estranhos, por todo quarto. Sente que está sendo observado, que pode ser atacado a qualquer momento...

“O que isso tem a ver com o trecho do Evangelho que eu li? Qual a relação?” – pensa.

Não há mais tempo para pensar. Uma mão gelada toca seu ombro. Vira-se. Um homem idoso, desfigurado... No lugar dos olhos, ele tem feridas que sangram. Suas mãos trêmulas tateiam no escuro e, ao tocar Felipe, ele apenas consegue dizer:

— So... cor... ro... So... corro... Socorro... Alguém me ajude...

Sua voz é carregada de dor. Comovido e assustado, Felipe não sabe o que fazer. Num impulso, abraça o infeliz e faz uma prece. Pede a

Deus e aos bons Espíritos que ajudem aquele necessitado, que usem as suas melhores energias para tratar daquele Espírito tão sofrido.

Faz-se silêncio.

Instala-se um clima de paz e o quarto, antes tão escuro, torna-se claro como o dia. Alguns Espíritos correm para se esconder da luz. O senhor começa a chorar e afirma que, pela primeira vez em muitos anos, sente-se melhor. Explica que não sabe como chegou até ali, que apenas sentiu que alguém lhe carregou à força. Agradece a ajuda e, com medo, pergunta o que vai acontecer com ele.

— Vamos orar juntos e pedir ajuda aos bons Espíritos – diz Felipe.

Concentram-se e oram, com fervor. Nesse momento, Felipe consegue ver seu guia espiritual e os Espíritos que o acompanham. Pai Joaquim, o guia de Felipe, lhe diz, sorrindo:

— Fico muito feliz em ver como você ajudou esse irmão!

Após um sinal, os auxiliares de pai Joaquim amparam o Espírito. Felipe olha com carinho para aquele senhor, beijando-lhe a testa, e ele é levado embora.

Feliz com a presença de seu guia, Felipe indaga:

— Pai Joaquim, se você já estava aqui, por que não o socorreu? Eu nem sabia direito o que fazer...

— **Meu filho! Fiz isso, em primeiro lugar, porque cada um deve cumprir com sua parte nas tarefas de socorro. Se eu fizesse tudo, para que serviriam seus estudos de Espiritismo? Além do mais, você já deve saber o que fazer: ajudar sempre a todos!**

— Mas eu fiquei com medo... – diz Felipe, timidamente.

— Eu vi. – responde pai Joaquim, sorrindo. E estou feliz porque você o venceu! **Escute filho, quando Deus permite que alguém cruze o nosso caminho, mesmo que esse alguém queira nos fazer o mal, nossa obrigação é ajudar sempre! Socorrendo, conversando ou orando. Deus não permitiu a esse coitado ser arrastado para cá para assustar você, mas para que você pudesse socorrê-lo.** É muito bom ver que você entendeu o que tinha de fazer.

Felipe lembra agora que viu um Espírito se escondendo em um canto do seu quarto. Pai Joaquim, lendo seus pensamentos, diz:

— Esse nós vamos ajudar juntos. Ele é mais necessitado do que o idoso. Ele faz maldade de forma calculada.

— O que vamos fazer?

— Eu preciso falar com ele, mas ele não consegue me ver. Vamos trazê-lo até aqui para que ele, sintonizado com você, possa me ver.

Felipe assusta-se. Sentia que aquele Espírito era um inimigo seu do passado. Pai Joaquim então fala:

— Não é uma ótima maneira de vocês começarem a fazer as pazes? Vão ficar bem juntos e ele vai sentir que você não tem mais ódio dele.

Felipe, apesar do medo, não pode discordar de um argumento tão claro. Concentra-se para poder acolhê-lo da melhor forma.

O Espírito, que tem um aspecto animalesco, é “descoberto” atrás do armário, em que pensava estar escondido. É segurado pelos braços por dois Espíritos de índios. Revolta-se com isso mas, ao ver que não pode resistir, começa a olhar fixamente para Felipe, tentando intimidá-lo. Felipe treme, mas pai Joaquim ajuda-lhe, aplicando-lhe um passe. Felipe ora e, com a ajuda de pai Joaquim, consegue transmitir telepaticamente a visão e a mensagem de seu guia espiritual.

O Espírito vê pai Joaquim. Entre assombrado e revoltado, afirma:

— Só podia ser você! Defendendo esse criminosinho!

— Não é isso – diz pai Joaquim, com calma. Ele saberia defender-se sozinho. Vim aqui para ajudá-lo, pois é você quem precisa ser protegido.

— De quem? Deste rapazinho de nada? – pergunta, com ironia.

— Não, ele não lhe agrediria. É preciso que você seja protegido de você mesmo. Veja seu estado. Observe seu corpo espiritual, seu perispírito. Você está cada vez mais animalizado. As baixas paixões em que você vive desde sua última encarnação estão lhe desfigurando.

Pai Joaquim forma um objeto, semelhante a um espelho, em frente ao Espírito comunicante, que passa a ver não apenas sua aparência, mas o real estado de seu corpo espiritual. Ele se assusta e começa a gritar, com intenso pavor:

— Eu estou podre! Estou todo pobre por dentro! Tirem esses vermes horríveis de dentro de mim! Ajudem-me! Ajudem-me!

— Estamos aqui para isso. Apenas preciso que você me acompanhe em uma prece.

— Prece? Eu? Para quê?!

— A prece cria um ambiente mais equilibrado, e este será o início

de seu processo de cura. Faremos uma operação de emergência e, em seguida, você será levado a um hospital. Preciso de sua ajuda. É da Lei de Deus que cada um tem que fazer algum esforço próprio para ser ajudado. Acompanhe-me na oração do Pai Nosso.

O Espírito comunicante baixa a cabeça e diz:

— Por favor, ore por mim. Acompanharei, em silêncio.

Pai Joaquim faz a prece em voz alta, enquanto aplica um passe para amenizar a deplorável situação do corpo espiritual daquele Espírito. O objetivo não é tratá-lo, mas apenas proporcionar algum alívio. O tratamento será muito mais longo e complexo.

Terminada a prece, ele é levado, semiadormecido.

Em seguida, Felipe volta a si. Olha para pai Joaquim, que lhe diz, feliz:

— Começamos bem a noite. Prepare-se para ir ao colégio.

— Mas eu gostaria de continuar com você...

— É preciso aprender a viver cada momento com equilíbrio e saber aproveitar o seu valor. Há momentos de ficarmos próximos, há momentos de exercermos tarefas diferentes. A criação de nosso Pai é infinita e nos prendermos egoisticamente é um erro grave. Se cumprirmos nossos deveres, estaremos sempre juntos. O amor de Deus tem meios de nos ligar, sem que nos prendamos. – diz, olhando-o com carinho.

Nesse instante, chega Ivan que, ao observar as boas energias que envolvem Felipe, comenta:

— Vejo que você se preparou muito bem. Não terá nenhum problema para entrar no colégio. Hoje você poderá escolher o módulo de estudo que mais lhe agradar.

Ao lembrar-se do colégio, Felipe fica muito empolgado. E ainda mais agora, que iria escolher o que estudar! Olha para seu guia e entende o quanto perdemos ao limitar nossas tarefas e nossa disposição para aprender.

— Vamos partir agora?

— Na verdade, está na hora de você ir. Eu vou com pai Joaquim, para outra atividade.

Felipe fica pálido. Nunca tinha ido sozinho ao colégio... Mas Ivan não lhe dá espaço para hesitações.

— Você conhece o caminho, não terá problemas para entrar. No colégio, receberá todas as informações necessárias. Abelardo e Lany já estão no colégio e Alessandra e Cirilo estão a caminho – conclui.

Felipe abraça os amigos e parte. “Nada melhor do que a sensação de independência, mesmo que com um pouco de medo...” – pensa ele, a caminho do Colégio Allan Kardec.

Ao chegar, Felipe para e olha. **O portão sempre está aberto, simbolizando o convite do Criador a todos. A estrada simboliza a necessidade do esforço próprio para evoluir.** Respira fundo, entra, caminha. Ao longo do caminho, vê alguns jovens caídos, sendo amparados por seus guias espirituais, e lembra do sufoco que passou. Observa também que outros jovens percorrem o caminho, levitando a uma grande altura. “Será que algum dia entrarei lá?” – pensa. Nesse instante, sente que alguém toca em seu ombro. É Cirilo, que fala, alegre:

— Nada mais de ressaca, não é meu amigo?

— Graças a Deus, não!

— Sinta o aroma destas flores e a leveza que nos envolve quando respiramos lentamente!

Felipe concentra-se, respirando fundo. Sente como se voasse. Na verdade, começa a flutuar, mas Cirilo o puxa de volta.

— Calma lá. Não é bom querer subir sem poder.

Felipe volta a si, ambos riem e continuam a caminhada.

— Que curso você pretende fazer? – indaga Felipe.

— Não tenho certeza... Estou indeciso entre estudar magnetismo curador ou técnicas psicográficas. E você?

— Não sei, mas vou procurar um curso que me ajude a convencer os dirigentes do centro espírita que frequento a aceitar jovens nos estudos mediúnicos.

— E aqui tem curso de milagre? – pergunta Cirilo, bem-humorado.

— Talvez tenha – responde Felipe, rindo.

— Como saberemos exatamente quais os cursos que serão ofertados?

— O Ivan disse que teremos um encontro para escolher os cursos. Ele também falou que participarão adultos e idosos que atenderem aos mesmos critérios que nos são exigidos.

— Vamos ver se eles são tão bons como nós, os jovens! – brinca Cirilo.

Chegam à frente do castelo e veem uma faixa luminosa:

Bem-vindos novos aprovados!

Eurípedes vos saúda.

Terceiro andar.

Sala XXXII.

Um olha para o outro, preocupado. Estariam vibratoriamente preparados para subirem sozinhos as escadas? Como estão com tempo, decidem primeiro dar uma volta no jardim.

— O que acontecerá se eu não estiver bem? – pergunta Cirilo, que está com mais medo do que Felipe.

Felipe lembra o que Ivan tinha lhe explicado sobre as escadas, mas acha melhor mudar de assunto.

— Nós estamos bem, não se preocupe.

— Conte-me – insiste Cirilo.

— Bem, pelo o que o Ivan me disse, é assim: no primeiro andar, quem não está vibratoriamente preparado sente um profundo cansaço; no segundo, angústia e depressão...

— E no terceiro? – insiste Cirilo.

— No terceiro, eclodem as piores lembranças da história do Espírito...

Cirilo fica apavorado!

— Vamos orar, Cirilo. Se estivéssemos tão mal assim, não teríamos nem atravessado o caminho até aqui. Vamos só elevar um pouco mais sua vibração para garantir – fala Felipe que, em seguida, retira do bolso um pequeno exemplar de **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, entrega-o a Cirilo e pede:

— Abra-o “ao acaso” e leia com atenção.

Cirilo faz uma prece, abre o livro e lê a seguinte mensagem: **Ajuda-te e o céu te ajudará** (Capítulo XXV). Sente-se mais confiante, levanta-se e diz:

— Vamos. Faltam 35 minutos para o início do encontro.

Ambos entram no castelo confiantes, mas param antes de dar o

primeiro passo no degrau. Cirilo olha para Felipe e pergunta:

— Este lance de escadas é o do cansaço profundo, né?

— É! – responde Felipe, que o puxa pelo braço e, assim, ambos sobem rapidamente.

Chegam facilmente ao primeiro andar, sem dar tempo para o medo. Da mesma forma, iniciam o segundo lance de escadas. No início do terceiro, Cirilo quer parar, mas Felipe puxa-o, dizendo:

— É agora ou nunca!

No meio da escada, Cirilo fica imóvel e pálido. Felipe assusta-se, mas lembra que a transmissão de energias sempre ajuda. Concentra-se, pede ajuda mentalmente a Ivan, e aplica-lhe um passe. Com isso, Cirilo retorna a si, pouco a pouco, olha para Felipe e afirma estar se sentindo bem. Ambos sorriem e sobem os degraus que faltam, indo até a entrada da sala XXXII. Cirilo olha para Felipe, agradecido, e, quando vai falar, Felipe apressa-se e diz:

— Vamos nos preparar para escolhermos nosso curso!

Entram na sala e param, impressionados. É um enorme salão, de dois mil lugares, quase todos preenchidos.

Todos estão em silêncio. São adolescentes, jovens, adultos e idosos. Felipe e Cirilo se despedem com o olhar e vão procurar um lugar vago. Cirilo encontra um lugar na parte de trás do salão, enquanto Felipe senta-se no meio. Ambos já aprenderam que o silêncio é a melhor forma de se preparar para uma atividade espiritual. O silêncio interior permite a ampliação da percepção espiritual, da intuição, da telepatia e do autoconhecimento. Quando a mente está desarmonizada, ele é a melhor forma de se harmonizar.

Aos que haviam aprendido a meditar, era possível ouvir sons variados e harmônicos; alguns também viam as cores que os sons expressavam. **É a Lei universal: a quem mais tem, mais é dado.**

Na hora programada, sobe no tablado um Espírito com vestes árabes. Todos ficam atentos. Ele faz a prece inicial:

Deus — grande criador do universo — louvada seja a
Tua sabedoria, que permite a Tuas criaturas a
liberdade e a autonomia da escolha.

Queremos seguir Tuas leis e sabemos que, apenas nos

tornando fortes e responsáveis, seremos capazes de executar fielmente a Tua vontade!

Muitas vezes nos escondemos de Teus sábios desígnios, tantas vezes alegamos compromissos sociais, tantas vezes usamos as mais belas desculpas para nos acorrentarmos ao lodo da terra! Ajuda-nos, Pai!

Não queremos mais as escolhas que nos prendem aos primeiros degraus da evolução. Não nos satisfaz a riqueza vazia da matéria. Não nos alegra ao coração o amor que prende e sufoca.

Queremos, Pai, a liberdade responsável e ética.

Queremos, Pai, ter amor o suficiente para abraçar os deserdados do mundo e, com eles, partilhar nosso pão e nosso lar.

Queremos, Pai, nos desmaterializarmos para sentirmos em profundidade o Teu amor, para cruzarmos o universo, que é a Tua morada, e saber, por toda a eternidade, que ele é também a nossa casa e que somos Teus filhos amados, como ensina o sublime Mestre da Galileia.

As vibrações dessa prece são intensas, há grandeza do amor em suas palavras.

O professor Hamud começa as explicações:

— Leiam o livro que está na gaveta de suas mesas. Ele contém um breve histórico do Colégio Allan Kardec e a história espiritual de seu fundador, Eurípedes Barsanulfo. Existe uma ligação histórico-espiritual entre Allan Kardec e Eurípedes Barsanulfo, ainda não conhecida no mundo da matéria densa, mas que um dia será explicada a todos de boa-fé. Por hora, é importante que vocês, alunos de Kardec e de Eurípedes, entendam o significado da Doutrina dos Espíritos e a importância de honrarem a oportunidade que é proporcionada por essa escola a todos vocês.

Após um instante, em que os alunos pegam o livro que está sob suas mesas, o instrutor continua:

— Atenção: aqui não se escolhem cursos por mera curiosidade.

Ensina o Messias que *“a quem muito é dado, muito será cobrado”*. Avaliem a importância do tema que vão escolher para vocês e para os outros. Egoísmo e leviandade são companhias que devem ficar para trás, no início da estrada evolutiva. Utilizem o aparelho que está embutido em suas mesas. Ele contém imagens, relatos, avaliações e gravações de trechos dos cursos anteriores. Vocês terão duas horas. **Lembrem-se: o caminho que escolhes, escolher-te-á como discípulo.**

Felipe não sabe por onde começar. A tela a sua frente mostra uma infinidade de possibilidades para pesquisa, mas o livro, com capa que parece de couro e letras manuscritas, o atrai mais do que tudo. Começa pelo livro. Abre-o e se espanta: “Quantos cursos!”.

Passa os olhos em leitura rápida para ter uma ideia geral de suas opções. Lê, entre outros, as descrições dos seguintes cursos:

- I – Iniciação Essênica: despertar psíquico por meio de uma vida equilibrada e do silêncio interior;
- II – Magnetismo Egípcio: curas perispirituais e medicina energética preventiva;
- III – Arquitetura de Júpiter: beleza moralizadora;
- IV – Estrutura socioespiritual do Império Romano e seu colapso por causa das paixões inferiores;
- V – Fenômenos Mediúnicos Célticos: a coragem desenvolvida pela certeza da imortalidade;
- VI – Música no Sistema Solar: vibrações que desenvolvem os sentimentos elevados;
- VII – Processos de Autoconhecimento Segundo a Filosofia Hindu: os ensinamentos de Krishna;
- VIII – Antropologia Psicoespiritual da Civilização Grega: a técnica da reencarnação como meio de superação de vícios;
- IX – Teatro e Inteligência emocional: alteridade e superação do ego;
- X – A Mente Infantil e a Percepção Espiritual: a infância da Terra e de Saturno em um estudo comparativo;
- XI – Magia na Sociedade Contemporânea: a persistência da ignorância;

GRUPO MARCOS

- XII – A Busca da Verdade: estudo das reencarnações de Giordano Bruno;
- XIII – Dinâmica Psíquica e Morte Física: os espíritas ante a desencarnação;
- XIV – Leis Morais e Estrutura Psíquica: a desencarnação no Antigo e no Novo Testamento;
- XV – Transcomunicação Instrumental: envio de imagens e filmes para a Terra;
- XVI – O Medo da Realidade Quântica nas Universidades Terrenas;
- XVII – Aparelhagem Espiritual nas Reuniões Mediúnicas de Socorro a Viciados em Álcool e Cigarro;
- XVIII – Mediunidade e Juventude: os casos de Joana d'Arc, Ermance Dufaux e Chico Xavier;
- XIX – Vampirismo Socioespiritual: relações doentias combinadas.

A ESCOLHA

Felipe lê atentamente a definição do curso XIX:
Vampirismo é a ação de um Espírito, encarnado ou desencarnado, que rompe a lei de cooperação e estabelece uma relação em que um indivíduo se beneficia de outro Espírito, encarnado ou desencarnado, prejudicando-o com sua permissão consciente ou inconsciente.

Felipe pensa que aquele conhecimento poderia ser de extrema utilidade para auxiliar os dirigentes do centro espírita que frequenta. Entender que todas as relações humanas, saudáveis ou não, são relações espirituais, os ajudaria a compreender a mediunidade de uma forma mais justa, entendendo assim a necessidade de os jovens terem acesso ao curso mediúnico, de forma a receberem orientações para evitar o vampirismo.

Felipe lê atentamente dezenas de outros títulos e explicações de cursos a que poderia ter acesso. Tudo isso leva uma hora e meia. Resolve então reservar os últimos trinta minutos para meditar e assim tomar a decisão certa. Faz silêncio interior, orando a Deus.

Relembra tudo o que havia acontecido desde a sua ida ao centro espírita até aquele momento. Entende que o estudo do vampirismo está vinculado ao episódio do churrasco, ao comportamento dos diri-

gentes do curso mediúnico no centro espírita e no mundo espiritual e ao amparo espiritual antes da aula. Tudo fica claro: ele vai estudar o vampirismo!

Exatamente duas horas depois, o instrutor informa:

— Registrem sua escolha tocando com a palma da mão na tela e pensando no curso que escolheram. Ela registrará também sua disposição mental em relação ao tema escolhido. Após o término do curso, vocês avaliarão a influência de seus sentimentos iniciais no aproveitamento das aulas teóricas e práticas.

Felipe registra sua escolha. Vê pelo computador que Cirilo e Alessandra também haviam escolhido o mesmo curso. “Que bom!” – pensa ele, feliz.

O instrutor abre espaço para perguntas. Uma jovem de 16 anos indaga:

— Seria possível alguém conseguir realizar todos os cursos que o colégio oferece?

O instrutor sorri e responde:

— Considerando o atual estado evolutivo deste grupo, posso assegurar que só seria possível em muitos milênios de estudo. Contudo, **é preciso considerar que, quando o Espírito progride moral e intelectualmente, ele se torna capaz de aprender em minutos o que antes levaria muitos anos.** Isso foi expresso pelo Cristo, quando Ele disse: “mais se dá àquele que tem”. Além disso, não é necessário fazer todos os cursos para ter acesso aos andares superiores. Indispensável é a compreensão profunda da responsabilidade que todos temos perante Deus e o entendimento dos temas teóricos e práticos centrais. Vocês possuem condições de alcançar os andares superiores ainda nesta encarnação ou na atual desencarnação, para os que estão desencarnados – conclui com bom humor.

Todos estão felizes ao saber que, se tiverem coragem para vivenciar os ensinamentos do Evangelho no dia a dia, alcançarão conquistas mais valiosas que a fama ou o dinheiro.

Após a prece final, todos vão conversar nos jardins do Colégio.

— Lidar com o vampirismo é lidar com o sofrimento humano – fala Alessandra. Por isso, escolhi esse tema. Não foi pela “aventura” de simplesmente conhecer as regiões inferiores, nem pelo desejo de

impressionar os outros. Quero aprender a ajudar os outros a se libertarem dos vícios e também libertar-me de minhas paixões inferiores.

— Que paixões inferiores? – pergunta Cirilo, surpreso.

Alessandra sorri e responde, com segurança:

— Se eu não tivesse defeitos, não estaria no grupo inicial, não acha?

— Pensei que você ia me dizer que era viciada em alguma droga ou que tinha matado alguém...

— É muito difícil, segundo as leis divinas, saber quem é mais culpado. **Será mais culpado um alcoólatra que não se liberta por medo e fraqueza ou um espírito, que sempre pode fazer muito, mas se acomoda apesar de ver tanto sofrimento no mundo?**

— É verdade – diz Felipe – não tinha pensado nisso. O egoísmo cruel, disfarçado de virtude, talvez seja um erro até maior...

— Também nunca tinha pensado assim – fala Cirilo.

— Julgar os outros é sempre muito complicado! Não tem como saber se a pessoa, mesmo errando, não está fazendo o seu máximo ou se, aparentemente acertando, não está deixando de fazer o que deveria... – conclui Alessandra.

— Bem, vou tratar é de fazer a minha parte! Coitado de mim se eu não fizer! – conclui Cirilo.

Todos riem.

O sol está nascendo no mundo físico.

Todos se despedem. É sempre uma imensa alegria vivenciar esses momentos. Todos sabem que o testemunho no mundo exigirá muito de cada um, mas a certeza de que estarão sempre juntos é o melhor estímulo que podem ter.

Cirilo e Felipe acompanham Alessandra até a porta de sua casa. Despedem-se, partem, vão acordar. Mais um dia começa no mundo. Quantos saberiam dizer onde estiveram durante o sono? Um mundo ainda tão ignorante, que nem sequer sabe o que acontece nas horas em que dorme, precisará de muita ajuda para acordar para as verdades do Espírito.

Felipe, Alessandra e Cirilo estão entre aqueles que darão o testemunho da imortalidade. *E você, o que fará?*

VAMPIRISMO: USUFRUIR SEM CONTRIBUIR

Felipe acorda. Levanta-se com calma e começa a recordar o que viveu durante a noite, sentindo-se feliz e pensando em como as dificuldades de sua vida têm um sentido e são passageiras. Ora a Deus e abre o **Evangelho Segundo o Espiritismo** “ao acaso”, lendo com atenção o capítulo XXI, item 10: **Os falsos profetas da erradicidade**. O que aquela mensagem significaria para ele?

Pai Joaquim, que está ao seu lado, explica-lhe que os que agem como vampiros, frequentemente, convencem suas futuras vítimas com teorias sedutoras e mentirosas, para depois sugá-las. Felipe sorri por entender a explicação, levanta-se e vai se arrumar.

No intervalo da aula, o assunto é a festa a que muitos foram, em um novo bar. Todos têm muitas histórias para contar: quem “ficou” com quem, quem bebeu, quem fumou...

Felipe sente-se isolado... Com quem compartilhar suas experiências de fim de semana? Não tem inveja, mas se sente sozinho. E assim um amigo, vendo-o triste, aproxima-se e pergunta:

— O que você fez no fim de semana?

— Nada... – diz Felipe, sem jeito.

— Mas por que você não foi para a festa? Sua mãe não deixou?

“Como explicar? O que eu posso dizer? Se eu falar a verdade, ele

vai dizer que sou doido, vai rir de mim...” – reflete Felipe, para então responder:

— Eu não gosto de festa...

— Ah... Hoje, depois da aula, nós vamos fazer umas coisas legais.

Quer vir?

— O quê? – pergunta, curioso.

— Vamos! Você vai gostar!

— Tá – diz Felipe, sem vontade.

Na saída do colégio, Clístenes e outros amigos aguardam Felipe. Chamam-no e vão para casa de Clístenes, pois seus pais estão viajando e sua tia só volta à noite. Ao chegarem, a festa já está organizada. Garrafas de bebida, cigarros e música.

O clima é de euforia. Felipe fica desconcertado. Senta e se afunda em uma poltrona. Quer participar, se divertir, ficar mais próximo dos amigos... Por outro lado, ele sabe que esse não é o melhor caminho... O conflito que vive é doloroso. Não quer ser o esquisito, o “chato” da turma... Mas sabe o que tudo aquilo significa espiritualmente... Clístenes interrompe os pensamentos de Felipe e estende a mão, dizendo:

— Vamos, só falta você! Tem que virar!

Todos riem.

Felipe treme. Pega o copo que lhe é oferecido, com a mão trêmula...

— Vamos, vamos! – dizem os amigos. Felipe bebe tudo, de um só gole.

Todos riem e aplaudem. Alguns Espíritos vampirescos também gargalham. Felipe sente-se bem, sente-se forte. Nesse instante, um Espírito aproxima-se de Felipe, abraça-o e diz.

— Vamos, meu amigo. Beba mais, precisamos de muito mais!

Felipe tem um choque e sente um terrível peso na consciência. Fica pálido e os amigos o olham, sem nada entender.

— Você está sentindo alguma coisa, você está bem?

O que mais incomoda Felipe não são as energias que absorveu, mas a sua consciência.

— Felipe? Felipe, você está bem? – Clístenes pergunta, quase gritando.

— Sim, sim... Tudo bem – diz pálido e entristecido.

Levanta-se. Vai até o banheiro, lava o rosto e olha-se no espelho.

Uma terrível tristeza invade seu coração. Felipe sente-se abatido, fracassado. Respira fundo e, ao sair, todos o observam.

— Tenho que ir – diz, com uma voz que expressava a pior das decepções: a decepção consigo mesmo.

Sai e vai andar. Anda muito. Vai ao shopping e passeia pelo jardim público, chegando em casa às três horas da tarde. Sua mãe não está. Como havia avisado que estaria na casa de um amigo, ela não se preocupou. Foi para seu quarto viver, em silêncio, o sentimento de decepção, somado à solidão e ao fato de sentir que não sabia como viver.

Chora muito. Que tipo de vida viveria? Ama ao Cristo, embora não como os sacerdotes, nem como os beatos... Que vida viveria? Lembra-se da mensagem do Evangelho, que lera pela manhã. Como ela fazia sentido agora! Resolve pedir ajuda. Ora com fervor, pedindo de coração uma orientação espiritual. Abre com fé o **Evangelho Segundo o Espiritismo** “ao acaso” e, com espanto, vê a mensagem do capítulo XVII, item 10: **O homem no mundo**.

Lê o trecho com atenção e entende que o Espiritismo não defende o isolamento, mas também não incentiva os desequilíbrios. Mas quem seriam seus amigos? Com quem conviveria, como seria seu lazer? Não teria direito às alegrias que todos têm? Sentindo-se triste, deprimido e revoltado, ora e adormece.

Vê-se transportado para a casa de Clístenes. A festa continua, mas do ângulo espiritual o espetáculo é terrível. Dezenas de entidades inferiores estão com eles. Uma delas, vendo Felipe, vai ao seu encontro e diz:

— Você devia estar aqui acordado. Desse lado não vamos dar bebida para você. Já bastam esses – diz, apontando para as entidades que brigam para sugar o hálito do Clístenes, encostando suas bocas na boca e no nariz dele para se “alimentarem”. Vá pro seu corpo e trate de virar homem e beber mais! – conclui, falando com revolta.

Felipe acorda tremendo. Seria o medo? Seria a ressaca? Seriam os fluidos que assimilou? Não sabe. Olha para o relógio, são seis horas da tarde. Levanta-se e vai tomar banho para se recuperar.

Ao sair do banheiro, sente a presença de pai Joaquim. Sabe da seriedade de tudo o que aconteceu. “Acho que ele não está feliz comigo...” – pensa.

Deita-se triste e adormece. Ao sair do corpo, encontra com o amigo espiritual.

— Pai Joaquim, ajude-me! – diz, quase suplicando.

— Acalme-se, meu filho – fala o bondoso amigo, passando a mão em sua cabeça. Vamos conversar. **Quando aprendemos com o erro, ele se torna uma experiência positiva.** Diga-me: o que fez você ir à casa de seu amigo, mesmo sabendo do que se tratava?

— Eu não sabia... – diz Felipe, como se estivesse se defendendo.

Pai Joaquim olha-o com seriedade.

— Na verdade, eu estava cansado de me sentir sozinho...

— E agora, você se sente menos sozinho?

— Não...

— E acha que, se ainda estivesse na festa, sua solidão passaria?

— Depois seria bem pior... – responde Felipe, com sinceridade.

— Meu filho, apenas fugir do mal não trará conforto ao seu coração; mas evitar repetir os vícios inferiores é o começo de sua redenção. Você entende?

— Repetir?!

— Sim, repetir. Todos que ali estão e alguns outros amigos do colégio formam um grupo que, por muitos séculos, cultivava vícios infelizes... Continuar trará seríssimas consequências.

— Que consequências?

— Na medida em que essas experiências são cultivadas, os vícios do passado são despertados, e esses impulsos milenares, que deveriam ser reeducados, somam-se aos das companhias espirituais, por meio da sintonia do vício. Quando isso acontece, vícios milenares despertados e obsessão, é quase impossível solucionar o problema em poucos séculos.

Felipe abala-se ao ouvir a afirmativa serena de pai Joaquim, que conclui:

— **Meu filho! O encarnado, e mesmo o estudioso do Espiritismo, ainda está longe de compreender o poder do que cultivamos na Terra. Muitos se contentam com o mero contato mediúnic, mas aqueles que meditam nos ensinamentos do Cristo estão seguros de que o poder do pensamento ainda é incalculável. Não ensinou Jesus que é melhor perder a mão ou o olho do que se entregar às inferiores**

paixões? Em breve, a medicina e a física quântica comprovarão essas palavras, pois o pensamento e o ato geram deformações no corpo espiritual, piores do que as da amputação. Isso comprovará a verdade do alerta do Mestre.

Depois de um longo silêncio, pai Joaquim olha Felipe nos olhos e diz:

— Filho, se você ainda deseja permanecer no colégio Allan Kardec, prepare-se de uma maneira intensa.

— Nesta semana?

— Sim. Nesta semana e em todas as outras!

— Eu ainda sou fraco... – fala timidamente, Felipe.

— A fraqueza ainda nos caracteriza a todos. Isso é aceitável. Acomodar-se não é! – responde, com firmeza, e continua: Descubra como lidar com a sua tendência à fuga e aos vícios. É muito importante pensar sobre isso. Acima de tudo, descubra como preencher o vazio que você sente: isso é essencial para sua vitória espiritual!

Pai Joaquim abraça-o e parte.

Durante a noite, Felipe acorda várias vezes.

Levanta cedo. Pensa em um programa para se reequilibrar. Orará com mais fervor. Meditará todos os dias. Evitará os programas vulgares da televisão. Lerá o livro **Vampirismo** de José Herculano Pires. Foi fraco, mas não desistirá de sua felicidade, de seus compromissos espirituais. Sente que tem amigos, e mesmo que não os encontre no dia a dia, tudo fará para manter a sintonia com eles. Deus certamente permitirá que, no futuro, possa conviver com amigos que pensem como ele. Para isso, precisa se tornar merecedor. E isso ele fará, custe o que custar.

A semana passa com suas atividades normais e as novas atividades do programa de reequilíbrio. No sábado, Felipe resolve meditar e ler sobre vampirismo a tarde toda. Quer recuperar-se, o máximo possível. Adormece escutando uma suave música instrumental. Ao sair do corpo, nada vê de diferente. Não vê pai Joaquim, nem Ivan. “Devo ir sozinho” – pensa.

Ao sair de casa, encontra a turma da festa. Estão juntos encarnados e desencarnados, em estado de euforia. Clístenes se aproxima e diz:

— Hoje vai ser radical! O Cosmes vai nos ensinar a “sugar”. Vamos!

— Você... Clístenes... – Felipe não consegue terminar a frase.

— Você o quê! Seu frouxo! Vai querer agora me dar lição de moral?!

Clístenes parte para cima de Felipe. Empurra-o e vai começar a esmurrá-lo. Felipe não tem tempo de pensar. Fecha os olhos e faz uma prece, envolvendo-se de luz. Clístenes recua espantado, dizendo:

— O que é isso, seu covarde! Que arma você tá usando?! Cosmes segura Clístenes e fala, nervoso:

— Vamos, vamos. Já, já chegam os amigos do Cordeiro. Ele é um deles. Vamos!

Clístenes, sem entender nada, vai embora, puxado por Cosmes. Felipe está atordoado. Como podia Clístenes estar naquela situação? Em seguida, lembra-se do Colégio Allan Kardec. Apressa-se. Chega ao portão e vê que Cirilo está na estrada. Chama Cirilo que, ao notar o nervosismo de Felipe, volta e diz:

— Vamos! Se você desmaiar, eu cuido de você. Não tem problema se não der para entrarmos. O importante é você se recuperar.

Felipe, que passou a semana toda se sentindo sozinho, enche os olhos de lágrimas.

— Vamos! Talvez você tenha que suar um pouco – brinca Cirilo, que segura-o pelo braço.

Entram juntos, atravessando o caminho com relativa facilidade. Ao chegarem na entrada do castelo, Cirilo propõe um descanso no jardim. Felipe aceita, sabe dos três andares que tem que enfrentar.

Sentam-se debaixo de uma árvore. Cirilo vê Alessandra passando e lhe chama. Ela olha para Felipe, vê que ele não está bem, mas não fala nada.

Cirilo tira de sua bolsa uma embalagem e estende o abraço para Felipe, dizendo:

— Coma: isto lhe ajudará!

— O que é isso? – pergunta Felipe.

— É uma substância que ajuda a eliminar os excessos de fluidos pesados.

— Isso é possível?

— Claro! – explica Alessandra. Ela ajuda na eliminação das toxinas, como fazem muitos alimentos naturais na Terra. Depois que você comer, vamos lhe doar energias.

Felipe coloca-a na boca e logo faz uma careta, dizendo:

— Que amargo!

— Amaríssimo! – fala Cirilo, brincando. Olhei até no dicionário para descobrir o nome de algo muito amargo.

— Engula – orienta Alessandra.

Felipe respira fundo e engole.

— Vamos agora aplicar passes em você, para que o efeito seja potencializado. Concentre-se!

Enquanto Cirilo coloca as mãos na cabeça de Felipe e faz uma oração, Alessandra aplica-lhe o sopro magnético nos centros energéticos da testa e do estômago. Depois que terminam, Felipe pergunta:

— Como você aprendeu isso?

— Simples. Fui ajudado assim, aqui mesmo nesta árvore, dois dias atrás. Vim aqui para para ficar no jardim, para me refazer, senti-me mal e fui ajudado – explica Cirilo.

— Agora escute! Vá até o banheiro e, em poucos minutos, isso vai fazer efeito – explica Alessandra.

Felipe não quis perguntar o que aconteceria. Foi rápido. Suando muito, vomita substâncias que jamais imaginou que estivessem dentro dele, com algumas parecendo vermes.

Volta refeito ao encontro de Cirilo e Alessandra. Eles não perguntam o que aconteceu. Apenas abraçam-no e vão juntos para a aula. Conseguem subir e, ao chegarem à porta da sala, Felipe olha-os com carinho. Cirilo, tocando no ombro de Felipe, diz:

— Não se acostume, porque com o tempo o incômodo é maior e a desintoxicação tem um efeito menor.

— Não quero mais, muito obrigado – responde Felipe, bem-humorado. Alessandra encontra três lugares vagos. Sentam-se juntos e, após quinze minutos de silêncio, veem José Herculano Pires entrar pela porta, calmamente.

Os olhos de Felipe brilham: é o seu autor preferido. O professor inicia a aula com bom humor:

— Ainda não temos um termo adequado para cumprimentar quem acaba de dormir. Digamos, então: sejam bem-vindos, caros recém-dormidos e caros desencarnados!

Todos riem.

“Ele é um grande intelectual, que tem a simplicidade de um homem do povo!” – pensa Felipe.

— Nosso grupo é composto de encarnados e de desencarnados e estudará a prevenção e o tratamento do vampirismo. Devido à proliferação desse problema na Terra, temos a necessidade de formar equipes integradas para auxiliar no socorro destes milhões de Espíritos que optaram por fugir da felicidade verdadeira. Nos auxiliará nesse estudo o valoroso amigo que muito nos tem ensinado: pai Joaquim.

Neste momento, Cirilo e Alessandra olham para Felipe, que também não sabia da participação de seu guia espiritual no curso.

Pai Joaquim aparece, ao lado do professor José. Felipe está eufórico. Pai Joaquim abraça o professor e explica aos alunos que, muitas vezes, em socorros espirituais, é necessário saber tornar-se invisível e mostrar-se apenas na hora adequada. Depois disso, ele fica em silêncio, e todos sabem que é chegado o momento de pai Joaquim realizar a prece, com sua voz é intensa, cheia de força e convicção:

Pai, ajuda-nos a superar a ilusão das aparências!

Ajuda nossos irmãos que vivem fascinados com as aparências exteriores. Nosso Mestre, pobre filho de carpinteiro, nos ensinou que o Teu Reino não vem com as aparências externas, mas nossos irmãos não se esquecem do fascínio do ouro e da falsa beleza, não conseguem superar o apego. Matam, traem e mentem para mostrar que são melhores por fora. Muitos desprezam a simplicidade. Muitos não querem ver a beleza da natureza, que é Tua obra, e atiram-se em busca de sintonia destruidora.

Vampirizam a natureza, em vez de amá-la. Vampirizam os irmãos fracos, em vez de ampará-los. Vampirizam os encarnados nos lares que se esquecem do Teu amor. Vampirizam os desprevenidos nos locais em que eles pensam aproveitar a vida.

Coitados! Preparam colheita farta de dor e de angústia para muitos séculos. Serão sofrimentos terríveis,

porque eles sabem que deveriam atender ao chamado de Jesus e conquistar a felicidade eterna.

Pai! Te pedimos ajuda não para os que sofrem servindo e amando, mas para os verdadeiros infelizes, que por pouco tempo mandam, esbanjam e parecem felizes.

Nesse momento, após a conclusão da prece de pai Joaquim, o ambiente está envolto de luz e de intensa paz. Ele então olha para todos e fala:

— É preciso saber elevar o coração ao alto e descer aos abismos da verdadeira infelicidade para ajudar, sem jamais condenar!

E, após uma breve pausa, conclui:

— O Zé – diz, olhando para o professor Herculano com carinho e bom humor – explicará as ideias básicas. Depois, vamos conhecer os verdadeiros lugares de sofrimento do mundo, que muitos chamam de “lugares de diversão”. Outro amigo nos acompanhará nos estudos práticos.

Após exibir uma cena de um filme clássico, que conta a lenda do Drácula, ante o espanto de muitos, o professor começa sua exposição:

— A lenda do vampiro, do conde Drácula, tem mais verdade do que se pensa. O vampiro que suga o sangue das pessoas para se alimentar simboliza todos aqueles que, por não cumprirem a Lei de Deus, não captam da natureza as energias equilibradas e estimulantes para o enfrentamento dos desafios evolutivos. Ensina Jesus de Nazaré: *meu alimento é fazer a vontade de meu Pai, que está nos céus*. O Espírito ainda limitado não entende a profundidade dessa afirmativa tão simples. A Lei de Deus é de cooperação: coopera a água com a vida, o sol com os seres e as espécies entre si, além de cooperarem com o solo. Igualmente o equilíbrio gravitacional, que harmoniza milhões de sóis, é fruto da cooperação. O vampirismo, no entanto, é uma relação que fere a Lei de Cooperação.

O vampirismo é uma relação de cooperação doente, em que um indivíduo pensa se beneficiar de outro. Atentem para isso: ninguém, de fato, ganha com a relação vampiresca, pois o vampiro também se degrada e se sente infeliz, em vez de estar se alimentando da paz e da beleza, que Deus doa a todos. Certamente, vocês já leram as obras

indicadas ao assunto, já que nosso curso tem como pré-requisito o estudo antecipado do tema a ser discutido. Por isso, não me alongarei em expor o que já é conhecido. Citarei casos gerais antes de iniciarmos o momento das dúvidas.

Após breve pausa, o professor continua:

— Existe uma relação vampiresca quando se explora a trabalhadora doméstica, exigindo-se mais do que o esforço justo, e quando não se garante seus direitos legais. Existe a mesma relação no caso de empresas que exploram funcionários, comumente criando ambientes de ameaça, em que o medo faculta a extração de suas energias, de forma desequilibradora. Existe relação vampiresca quando o estudante copia as respostas do colega esforçado e quando o filho não se dispõe a colaborar em casa. Como podemos ver, **o vampirismo é um problema de relação humana que engloba, além das relações viciosas entre encarnados e desencarnados, as relações mais visíveis do dia a dia da sociedade.** Perguntas?

Alessandra, ansiosa para entender melhor o vampirismo nas famílias, levanta a mão e, com a permissão do professor, pergunta:

— Não devem os pais cuidar dos filhos, fornecer alimento e proteção? Como falar que os filhos podem ser vampiros dos pais?

— Tudo na natureza obedece ao equilíbrio. Quando o Espírito está no ventre da mãe é justo que, naquele momento, ele receba alimento e proteção, sem nenhum esforço. Ao nascer, começa a mudar a situação. Inicialmente, ele terá, muitas vezes, que “avisar” que está com fome ou com outra necessidade. É o primeiro passo para se tornar independente. Em seguida, aprenderá a falar, a andar e, pouco a pouco, terá uma maior participação no processo de suprir suas necessidades. Tudo é proporcional à fase de desenvolvimento. Pais que, por exemplo, não permitem que seus filhos expressem suas necessidades e procuram sempre supri-las, sem permitir o menor esforço da criança, estão limitando o crescimento do filho e estimulando uma conduta vampiresca.

Alessandra novamente pergunta:

— O adolescente que não trabalha e, por isso, não contribui em casa é um vampiro?

— Cada caso é individual. Devemos entender que cada um tem a obrigação de cooperar. Afinal, o alimento consumido não chega à casa

por passe de mágica, o teto protetor foi construído com esforço de muitos. O que afirmo é que a cooperação não precisa, necessariamente, ser financeira. Pode-se auxiliar na arrumação da casa, em evitar desperdícios, em cuidar do jardim, pois as plantas colaboram com a harmonia da casa. Pode-se auxiliar os pais nas tarefas de casa e de muitas outras maneiras.

Vampiro é aquele que quer usufruir sem contribuir, isto é, beneficiar-se sem retribuir de uma forma saudável.

— Aqueles que pedem ajuda, como os mendigos, e que não têm como retribuir, são considerados vampiros? – pergunta um senhor de 50 anos.

— Há muitas formas de retribuição. Vejamos um exemplo. O Espírito que está em uma situação de miséria, por total falta de alternativa, e que, ao receber ajuda, *retribui* com sentimentos sinceros de gratidão no momento e, posteriormente, com sua dedicação, não é de forma nenhuma um vampiro. É o caso estudado por Allan Kardec, em **O Céu e o Inferno**, intitulado **Mendigo, Max**. Podemos sintetizar isso da seguinte forma: **aquele que retribui com os meios que possui está agindo conforme a Lei de Deus; aquele que quer se beneficiar, sem retribuir com o bem, é um vampiro encarnado ou desencarnado.**

Após breve pausa, continua:

— **Há apenas uma forma de prevenir o vampirismo: ser justo em nossas relações, dar a cada um o que tem direito e não se permitir relações de dependência com encarnados ou com desencarnados. É da Lei de Deus: devemos crescer em responsabilidade e em autonomia.** Jesus ensina: *a cada um segundo as suas obras*. Aquele que quer ou aceita mais do que tem direito torna-se vítima do vampirismo de encarnados e desencarnados.

Um jovem de aparência síria indaga:

— Como explicar o vampirismo sexual?

— O prazer e a dor são experiências naturais, que todos devem experimentar. Quando o Espírito, por fraqueza e medo, não aceita suas dores e quer ter mais prazer do que o limite natural, vincula-se a vampiros e torna-se um vampiro. Normalmente, o vampirizado também é um vampiro de outras pessoas. Assim, eles se alimentam e se degradam mutuamente. **A busca do prazer em excesso, seja na**

alimentação ou no sexo, gera vínculos espirituais perniciosos. A sexualidade, hoje, é a maior fonte de perturbação no mundo da matéria densa e em seus arredores espirituais. Uma vez desarmonizadas as energias da vida, o Espírito tende a se degradar em outros vícios. Por isso, os Espíritos inteligentes da espiritualidade inferior tanto investem no desequilíbrio sexual.

— Que meios devemos utilizar para não nos vincular ao vampirismo sexual? – pergunta uma jovem francesa.

— Os vampiros que estimulam esses acontecimentos deprimentes na Terra compreendem que, para melhor gerarem o ambiente de loucura e de vampirismo, é necessário incentivar as ideias que mascaram os desequilíbrios e que dificultam o socorro de suas vítimas. Esse é o motivo de tantas “campanhas” pela “licença social”, para que todos possam viver tudo que lhes dá prazer. São escritores, acadêmicos, artistas e intelectuais envolvidos por esses Espíritos para disseminar a ideia da “normalidade” da loucura. A primeira prevenção, e a mais importante, é examinar os fatos! Observem as pessoas que defendem esses desequilíbrios, sem as maquiagens mentirosas da mídia. São elas realmente felizes? O que elas têm, além da fama? Serão portadoras de paz e de lucidez, ou exemplos de desequilíbrios e angústias, que mascaram com o consumo de drogas e com hábitos deprimentes? **Não aceitar como normal as doenças comportamentais da moda é um passo decisivo.** No mundo, vocês ainda são minoria, mas não é melhor ser uma minoria saudável do que uma maioria dementada, a caminho dos abismos de dor?

— Como diferenciar as modas doentes do que é saudável? – indaga um jovem africano.

— A verdade é universal. Observe o comportamento de *todos* os Espíritos verdadeiramente evoluídos, para ter um parâmetro real. Para darmos um exemplo, um Espírito evoluído jamais irá querer apropriar-se do que não é seu. O comum é que ele compartilhe o que é seu. Nesse caso, lembro-me de Mahatma Gandhi, que afirmava que, na dúvida, deve-se adotar a decisão que beneficia mais o outro do que a nós mesmos. Jesus, ao dialogar com o moço rico, não aceita sequer um elogio indevido. Em relação à sexualidade, todos são unânimes ao afirmar a importância do equilíbrio, inclusive dos pensamentos.

Gandhi teve uma vida conjugal por décadas, sempre orientada pelo respeito e o equilíbrio. Jesus ensina o cuidado com os pensamentos, em relação aos desejos sexuais. O pensamento é que cria sintonia, estimula os desequilíbrios ou reequilibra o Espírito, atraindo a companhia dos vampiros ou dos bons Espíritos. Portanto, **quem quer que estimule uma conduta sexual promíscua, sem compromisso e ética, independente de títulos acadêmicos ou de fama social, está em posição contrária aos ensinamentos espirituais elevados, de todos os tempos. Está opondo-se aos profetas, aos essênios, aos grandes sacerdotes egípcios e aos sábios do hinduísmo e do budismo e, principalmente, à Lei de Deus.** Seguir a moda transitória da loucura não me parece uma boa opção – encerra o professor José, com um toque de leveza e bom humor.

Após essas explicações, fala pai Joaquim:

— Vamos nos organizar em grupos; todos devem contribuir no amparo dos Espíritos que encontraremos. Lembrem-se: julgar é fácil e errado, compreender e auxiliar é difícil e divino. Não nos cabe culpar ou atacar ninguém. O trabalho cristão é de auxílio, amparo e compreensão. O que vocês verão é a face espiritual do mundo em que vivem ou viverão em breve; quem tiver um pensamento de condenação, peça a Deus compreensão e tolerância. O codificador participa dessas tarefas e nelas exemplifica o lema que adotou em vida: **Trabalho, Solidariedade e Tolerância.**

Não seremos nós, trabalhadores ainda tão falíveis, que ousaremos condenar em vez de amparar.

Todos estão impressionados, pois nunca imaginaram a participação de Allan Kardec em socorro a vítimas do vampirismo. Pai Joaquim, ao perceber o espanto geral, esclarece:

— **Muitos pensam que o grande organizador do Espiritismo era um intelectual, isolado do mundo. Isso nunca foi verdade! Quem estudar a vida dele vai descobrir que ele andava, e muito, em presídios, em enfermarias, nos bairros pobres, além de amparar centenas e centenas de crianças carentes. Quem é verdadeiramente grande está sempre ao lado dos sofredores, independentemente de outras tarefas que faça. Quem quiser seguir o Cristo só tem um caminho: ser amigo dos sofredores.** Existem outros caminhos, mas eles sempre levam à

desilusão. Laboratório, filosofia e cálculo são importantes, mas têm que servir para o bem de quem mais sofre. Senão, é enganação, é a verdadeira mistificação. E todos têm que estar atentos a isso, pois é essa mistificação que abre as portas para os vampiros. Preparem-se ao longo da semana. Em seis dias, teremos a prática.

Assim foi encerrada a reunião.

Felipe acorda com essas recomendações, vivas em sua memória.

A semana é de muita atividade. Felipe cuida de sua sintonia espiritual, continua com a meditação e a oração todos os dias, além de ler sobre o codificador em três dias da semana. **Estudo, oração e meditação é a fórmula que Felipe segue.**

O ABRAÇO RESTAURADOR

Sábado à noite. Estão sentados juntos Felipe, Alessandra e Cirilo. Duas filas atrás estão Rivalina, Romildo e Astrobrito, espíritas que estão em recuperação dos equívocos da última existência. Cirilo olha para trás e, num gesto de espanto, mexe no ombro de Felipe, que também olha e fala:

— Meu Deus, será que é verdade!?

Todos estão em silêncio.

Kardec entra calmamente. Anda com tranquilidade, olhando para todos, com ternura. Sobe no pequeno tablado e, sorrindo, fala:

— É uma grande alegria para mim estar aqui hoje. O movimento espírita venceu suas primeiras etapas. Resta-nos avançar e produzir os frutos que Deus espera de nós. Para começar, peço agora que Rivalina faça a nossa prece inicial.

Rivalina, visivelmente nervosa, responde:

— Senhor, eu não tenho condições de fazer uma prece... Aqui... – diz, timidamente.

— Se você não tem agora, terá alguns segundos para se preparar – fala com bom-humor e continua, agora com um tom mais sério: O espírita, considerando a necessidade do mundo e o tanto que já recebeu, não poderá mais fugir de suas responsabilidades. Deve confiar em si

mesmo, deve confiar em Deus, no Cristo e nos amigos espirituais. Em toda a história da humanidade, não há um só caso de um indivíduo que decidiu agir abnegadamente e que não tenha sido amparado pelo Alto. O que falta a muitos de nossos irmãos espíritas é a disposição ao trabalho, ao sacrifício, à abnegação.

Olha para Rivalina e continua:

— É preciso confiar que Jesus sempre suprirá as nossas falhas, quando agimos em Seu nome e com sincera boa vontade.

Rivalina levanta-se, em silêncio, fecha os olhos e ora:

Pai, quanta tristeza sinto por eu não ter aceito
plenamente o Teu chamado. Mais uma vez, temi.
Temi a opinião dos outros, temi por minha vaidade,
temi errar e ser criticada. Ajuda-me para que eu
possa, com essa prece, ajudar meus irmãos.
Sua voz é comovida e sincera. Depois de breve pausa, sua voz muda. É a voz de Eurípedes!

Avante, avante todos! Neste encontro queremos firmar,
em vossos corações, que o temor não faz sentido aos
discípulos do Cristo.

Eis o grande codificador que, como o Cristo, se faz
pequeno entre os pequenos, para que todos tenham a
convicção do amparo infinito que vem de Deus e se
manifesta de mil formas! Nunca, nunca estareis sós.
Vos acompanhamos, sempre. A solidão é apenas a
limitação dos vossos sentidos, é a prova necessária
para desenvolverdes vossos potenciais. A cada ação, a
cada pensamento e a cada sentimento nobre, nossas
ligações se estreitam. Investi vosso tempo na obra do
bem; o bem é o elo sublime que ligará para sempre
vossos corações aos dos guias da Humanidade.

Nesse instante, Rivalina caminha, como que transfigurada, em
direção a Kardec. Vemos claramente Eurípedes Barsanulfo.

Allan Kardec e Rivalina/Eurípedes se abraçam.

É o símbolo da união de todos nós a esses grandes Espíritos. Todos

choram. Sentimos a energia gerada por esse abraço. Estamos ligados uns aos outros. Sinto-me fortalecido, amparado, em paz. Não há medo, nem dúvida. Sinto-me profundamente amado, independente de qualquer erro cometido. Sinto vontade de ser um verdadeiro seguidor do Cristo.

Eurípedes, agora visível a todos, afasta-se de Rivalina e lhe diz, com serenidade:

— Rivalina, muito obrigado! Espero que você continue com a sua educação mediúnica. Precisaremos de muitos médiuns!

Ela agradece, emocionada, e volta ao seu lugar.

Ivan, José e pai Joaquim, que estão sentados na última fila, vão até a frente da sala, cumprimentando Kardec e Eurípedes.

Ivan nos informa:

— Formaremos três grupos. Observem em suas mesas a indicação do grupo do qual vocês farão parte. O grupo um será coordenado por Allan Kardec; o grupo dois por Eurípedes Barsanulfo e o grupo três por pai Joaquim. Bem sei que, se pudessem, vocês usariam da “tricorporeidade” para estar em todos os grupos, mas vocês ainda não fizeram esse curso – conclui, com alegria.

Todos olham. Felipe: grupo um. Cirilo: grupo dois. Alessandra: grupo três.

Todos estão felizes, pois depois poderão trocar as experiências.

A sala se reestrutura em três compartimentos e, silenciosamente, os participantes dirigem-se aos seus grupos.

No grupo um, o Codificador abre um pergaminho cor de prata e lê um trecho de **Salmos**, do Antigo Testamento:

“

O Senhor é o meu pastor; nada me faltará.

Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas.

Refrigerou a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça por eu amar Seu nome.

Ainda que eu ande pelo vale da sombra e da morte, não temerei mal algum, porque Tu estás comigo; Teu poder e Tua misericórdia me consolam.

Certamente que a bondade e a misericórdia me

seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei a Tua Casa por longos dias.

Em seguida, Kardec comenta:

— **Quero falar de um sentimento que tem petrificado os trabalhos do Consolador no mundo da matéria densa: o medo.** Podeis perguntar qual a relação entre o medo e o vampirismo; eu vos responderei: a relação é total. O vampirismo é um tipo de relação fundada no medo. Após a dissipação das ilusões iniciais dos prazeres grosseiros, o que mantém a relação vampiresca? O medo. O medo da solidão, o medo da crítica dos que apenas condenam e o medo da crítica dos que estão envolvidos na relação vampiresca. É aparentemente um “beco sem saída”. O alcoólatra, por exemplo, quando bebe, tem medo de não ser aceito pelos não-viciados; quando tenta se recuperar, tem medo de ser abandonado pelos que lhe partilham o vício. Daí resultam várias tentativas de superação. Vejamos o caso de Maria Madalena, Espírito pelo qual temos imenso respeito. Partícipe de uma relação vampiresca de caráter sexual, devido às suas orações e sincera busca de libertação, foi socorrida pelo Mestre, curou-se e foi homenageada por Ele com sua aparição após a crucificação. Ainda assim, não foi acolhida pelos cristãos da época. Seu testemunho foi o da solidão e o da devoção ao ideal superior do cristianismo primitivo. **Ela é o símbolo da recuperação da criatura humana da Terra. Todos que queiram superar as relações vampirescas ou evitá-las, como Madalena, precisam passar por momentos de solidão e de devoção, que facultarão o encontro consigo e com o Cristo.** Após seu testemunho, Madalena foi acolhida pelo Mestre no mundo espiritual.

Felipe impressiona-se com os ensinamentos de Kardec. Nunca imaginou que o medo fosse a base do vampirismo.

O Mestre-codificador continua:

— O medo da solidão, da crítica e do testemunho têm paralisado os espíritas-cristãos no momento atual. Eles temem ver seu passado. Temem ser identificados como “impuros” ou obsediados (na linguagem atual). Temem servir abnegadamente. Temem seus inimigos. Temem ser criticados. Esquecem que todos somos Espíritos imperfeitos e que a única forma de salvação é o crescimento, é a purificação

por meio da dedicação total ao Cristo. Isso significa devoção ao próximo em todas as ocasiões, e não apenas ocasionalmente.

Após breve pausa, conclui:

—Vamos observar uma reunião em que o vampirismo se manifesta ostensivamente. Mas não vos enganeis: **em todos os lugares em que os indivíduos fogem dos compromissos da consciência, existe algum tipo de vampirismo fundado na acomodação espiritual e que, obviamente, tem consequências infelizes.** Concentrem-se. Visitaremos um lugar de lazer do mundo.

Não foi difícil para o grupo deslocar-se para a Terra. Chegamos a um bar. Música alta, conversas, ambiente de alegria.

— Observem, diz o codificador. Em cada mesa temos uma realidade psíquica e espiritual específica. Nem todos estão envoltos nos fluidos pesados que predominam no ambiente. Infelizmente, na Terra, a diversão quase sempre está envolta em paixões inferiores, que rebaixam a criatura.

Felipe, lembrando-se de sua experiência, pergunta ao codificador:

— Pode ser saudável vir a estes lugares?

— Tudo depende da intenção e da frequência. A vinda regular a lugares de excesso, certamente trará graves prejuízos psíquicos. Algumas vezes temos que cumprir deveres sociais relevantes, uma comemoração especial ou um momento de reencontro de amigos. E isso pode justificar nossa vinda a esses lugares, que deve ser sempre equilibrada e sem excessos.

— Como se divertir em nossa vida de encarnados? – indaga um jovem.

— É preciso primeiro cumprir os deveres que vos são colocados pela consciência. Ao fazer isso, vosso psiquismo será alterado, vossas necessidades se modificarão e aprenderéis a ter um lazer verdadeiramente saudável, que irá recompor vossas energias. Esse tipo de lazer – diz, olhando para as mesas – além de não recompor as energias, irá destruí-las. Muitos aqui tornam-se suicidas.

— Como transformar-se sem sofrer? – pergunta uma jovem.

— Não existe crescimento sem dificuldades. Lembre-se de Madalena! **Para criarmos um novo padrão espiritual, é indispensável atravessar o deserto criado pelas ilusões para chegar ao oásis do**

verdadeiro amor. É preciso atravessá-lo e não permanecer nele, como alguns aqui estão fazendo. Observemos aquela animada mesa de jovens... – conclui o Codificador.

Ao nos aproximarmos, nossa atenção volta-se para uma bonita jovem, que prendia a atenção de todos ao redor dela. Aparentando 16 ou 17 anos de idade, possui cabelos longos e um rosto pintado com cores fortes. Usa roupa curta e sensual, fala alto, bebe muito e faz questão de que todos olhem para ela. É uma espécie de líder do grupo, composto por outros jovens. Ela quer ser invejada pelas amigas e desejada pelos amigos.

Kardec inicia a orientação:

— Não seremos vistos pelos desencarnados. No entanto, cuidado: não nos cabe julgar nem condenar ninguém. Estudaremos aqui o caso de Atilde – diz, olhando para a “jovem-líder”. O primeiro objetivo é entender nossos conflitos; o segundo, auxiliá-la. Farei que alguns de seus pensamentos-sentimentos sejam projetados acima de onde ela se encontra para que vocês possam entender a relação entre o medo e a vampirização que ela vivencia.

Kardec continua:

— O grande drama de Atilde é não se sentir amada pelo pai. Ainda criança, seus pais se separaram e o genitor se afastou dela. O erro do pai dele poderia ter sido para ela valiosa oportunidade de crescimento emocional. Contudo, até o momento, ela busca preencher esse vazio com a atenção de outras pessoas. Esse é o início emocional da relação vampiresca. O desejo de Atilde é legítimo e saudável, pois todos queremos ser amados, mas a forma como ela busca satisfazer esse desejo é desastrosa.

Kardec estende a mão e, por meio de um processo que os alunos desconhecem, todos passam a ver os Espíritos que estão vinculados ao corpo de Atilde. São seis entidades medonhas. Duas delas envolvem suas pernas, como se fossem cobras com cabeças que lembram homens. Outra se agarra à cintura e a envolve até o pescoço. Outras duas ficam ao seu lado e a sexta coloca-se atrás de Atilde e controla seus impulsos e ideias. Não se vê mais a sedutora jovem. Agora, aos olhos de Felipe e dos demais alunos, observa-se alguém envolto em animais sujos que, na verdade, são Espíritos

animalizados. Alguns alunos têm o impulso de gritar, outros de correr.

— Acalmem-se – diz o codificador. Estamos aqui para aprender e para servir. Tenham dignidade! A compaixão sincera é o sentimento adequado à situação.

As palavras de Allan Kardec têm um impacto maior do que a visão de Atilde, só que no sentido oposto, o de transmitir coragem e tranquilidade. Kardec então orienta:

— Concentrem-se nos pensamentos de Atilde!

São mostradas cenas da infância de uma criança muito sozinha. Muitas vezes chorava, sem que ninguém a consolasse. A presença de seu pai foi diminuindo e, na medida em que isso acontecia, a dor da solidão ampliava-se. Atilde prometia a si mesma que nunca mais se sentiria sozinha... Jurava que tudo faria para não mais viver aquela solidão novamente... Que tudo aceitaria, desde que não sofresse mais solidão... Sua adolescência foi uma busca desenfreada por namorados, por festas, por amigos e amigas, não importando quem fossem. Queria estar sempre com muitas pessoas. Isso tornou sua vida agitada, popular e... transtornada. Assim, ela chegou à situação em que a vemos. Muito bonita, atraente, cercada por todos, com imensas angústias e com temíveis companhias espirituais, que não lhe respeitam a intimidade.

O choque é imenso.

Felipe imaginou que veria as cenas mais extravagantes e infernais, mas não uma cena como aquela, tão familiar e ao mesmo tempo tão devastadora...

Kardec, entendendo a necessidade da lição a ser assimilada, antes de novas investigações, convida o grupo a encerrar o momento de estudo próximo ao mar. Antes de sair, fazem uma prece. Kardec orienta Espíritos trabalhadores a realizar o socorro às entidades que demonstrem arrependimento e atende cordialmente o guia espiritual de Atilde, que busca orientações sobre como melhor proceder em caso tão delicado.

Partem em direção ao mar. Estão à beira da praia, refazendo-se, quando algo muito inusitado acontece. Um grande foco luminoso, que sai do mar, eleva-se, pairando sobre as ondas, e vai em direção do

grupo. Não fosse a beleza daquela luz e a presença de Kardec, muitos teriam corrido... Quando a luz se aproxima, Felipe e os outros alunos compreendem do que se trata: é o grupo de pai Joaquim que, sorrindo do espanto geral, explica bem-humorado:

— Estamos nos refazendo com o auxílio das algas marinhas. As energias revigorantes da natureza são imensas. Nunca temam a criação de Deus; é preciso conhecê-la e amá-la.

Mal acaba de falar e outra luz desce do céu, como uma estrela cadente. “Será o grupo de Eurípedes?” – pensa Felipe.

Ao chegar, vendo o espanto geral, o Mestre de Sacramento explica:

— A beleza da visão da Terra e das estrelas também reestabelece as energias – conclui, sorrindo.

Após breve pausa, Kardec olha para todos, ergue os braços e envolve o grupo de Felipe com energias poderosas e sutis. Felipe sente uma paz intensa e profunda. Sente-se na presença de Deus. “Como posso sentir tanto amor, tanta emoção, tanto paz...” – pensa. A emoção aumenta e todos se ajoelham, por conta do intenso sentimento de gratidão. Ninguém pode jamais imaginar o que é sentir o amor de Deus. É um momento de plena integração. Uma poderosa ordem telepática orienta: “abracem vibratoriamente os amigos dos outros grupos”. Uma explosão atômica não geraria tanta luz... Estão todos iluminados, em profunda paz.

Kardec ergue sua voz e agradece ao Pai.

Nada é mais restaurador do que as energias de um abraço de quem ama...

SOBRE A SÉRIE

Amigo e amiga, vamos conversar sobre a obra que você vai ler. Primeiramente, quero dizer que você é muito importante para o Grupo Marcos. Todos os nossos esforços têm apenas um único objetivo: aproximar os corações que amam o Cristo e querem O servir mais e melhor.

Dito isso, vamos falar um pouco dos autores espirituais. O coordenador espiritual de nosso grupo é o Espírito Ivan de Albuquerque. Explica-nos esse amigo que nessa série encontraremos, como no Novo Testamento, diferentes estilos literários, inclusive representações simbólicas, como as empregadas por Jesus, em suas parábolas. Ninguém, portanto, se espante ao encontrar a mediunidade representada por uma simpática senhora. Alerta-nos o amigo que o Cristo também usou de simbolismo para melhor ensinar a verdade. E esse é o objetivo: apresentar a você a grandeza da Codificação espírita e da beleza da obra de nosso Pai. Facilmente você diferenciará o ensino simbólico da realidade objetiva, como fazemos ao ler o Novo Testamento.

A coordenação das histórias é de responsabilidade de Ivan de Albuquerque e as aulas vivenciadas por Felipe, nosso personagem central, têm como autores os professores que as ministraram. Consequente-

mente, cada aula ou exposição da série *Se a Mediunidade Falasse* possui autor específico.

Destacamos aqui que expressamos, com o máximo respeito, as ideias, pensamentos e sentimentos destes amigos que colaboram conosco. Esses Espíritos amigos são os verdadeiros autores desta obra. Para eles, o que mais importa é nos estimular ao estudo e à reflexão sobre a grandiosa obra de Allan Kardec e sua aplicação em nosso dia a dia. A vaidade em aparecer não existe em seus corações e eles deixaram para nós a decisão de os identificarmos por pseudônimos ou como eram conhecidos na Terra. Após muito refletirmos – pois nomes conhecidos podem causar incômodo – decidimos apresentá-los com seus nomes verdadeiros, apenas por um único motivo: estimular você, amigo leitor, a ler e estudar suas obras. Alguns deles deixaram excelentes livros, que devem ser conhecidos por todos. Na medida do possível, citamos suas obras.

Em nosso caso, os encarnados, optamos por nos apresentarmos como Grupo Marcos. Assim, a atenção é direcionada para o conteúdo da obra, e não para especulações que podem nos distanciar dos critérios de Allan Kardec. Afinal de contas, deve-se avaliar a obra, e não os médiuns que a receberam, pois a série *Se a Mediunidade Falasse* será recebida por diversos médiuns.

Como foi recebido o livro

Vou contar um pouco a história deste livro. Quando começou a ser transmitido, pensei que fosse uma peça teatral; depois percebi que seria um livro e, em seguida, uma série... Fui percebendo isso aos poucos. Como observador atento, fui descobrindo os acontecimentos, conhecendo Felipe, suas dúvidas, medos e aventuras. **Psicografar é um ato de descoberta empolgante, de convívio com os bons Espíritos e de aprendizado cristão.** Isso aconteceu em meados de março de 2011. Como deve fazer todo médium, solicitei a mais de dez pessoas que, de fato, conhecem a Doutrina Espírita, para avaliarem a obra. Realizei ajustes e correções, além de duas revisões detalhadas com os amigos espirituais.

Não pensem os futuros médiuns que psicografar é tarefa “mágica”

ou automática. Psicografia é a transmissão de obra (literária ou não) por meio limitado (a mediunidade), o que requer atenção, análises e correções. Toda mediunidade e todo médium têm especificidades que, ora auxiliam, ora dificultam o processo de recepção. No futuro, voltaremos a essa reflexão.

Possuo a mediunidade de **psicografia intuitiva**, o que me permite estar plenamente consciente no momento em que psicografo. Muitas vezes, quando alguém me via psicografar, pensava que estava apenas escrevendo... O que, de fato, eu estava fazendo. Só que eu escrevia a história de outro escritor.

Este livro foi inteiramente psicografado em minha casa, em horários combinados com os amigos espirituais, após a preparação do ambiente espiritual com o auxílio da realização quase diária do Culto do Evangelho, o que se tornou um hábito, que mantenho de segunda a sexta-feira. Ensinam os bons Espíritos que a casa do cristão deve ser um lugar de elevada vibração espiritual. Acredito que devemos nos esforçar para atingir essa meta, apesar de nossas limitações pessoais.

Para concluir, quero falar da alegria que sentimos com nossa publicação! Sonhamos em ter contato com vocês, jovens amigos! Sabemos que muitos entenderão e se empolgarão com a proposta de nosso grupo. Sejam bem-vindos ao Grupo Marcos! Entrem em contato conosco, pois queremos multiplicar o número de amigos e de trabalhadores cristãos! Quem sabe um dia não nos conheceremos?

Acima de tudo, queremos dizer que, se este livro está em suas mãos, estamos muito felizes! Nosso sonho começa a se concretizar e convidamos você a fazer parte dele. Boa Leitura! É o desejo de todos que formam o Grupo Marcos!

CONHEÇA O GRUPO MARCOS

O Grupo Marcos é um grupo de amigos – encarnados e desencarnados, jovens e adultos, estudiosos e aprendizes – que se propõe a ser uma união de laços cristãos.

O nome “Marcos” foi escolhido em homenagem a uma encarnação de nosso dirigente espiritual, Eurípedes Barsanulfo, que ocorreu à época do Cristo.

Marcos foi um essênio, que se tornou um verdadeiro cristão. E essa história você pode conhecer no livro *A Grande Espera*, publicado pela Editora IDE (Instituto de Difusão Espírita).

Nossos Princípios

1) Todos os produtos do Grupo Marcos (livros, cursos, programas de áudio, mensagens mediúnicas etc.) são colocados à disposição de todos, de forma gratuita, em nosso site www.grupomarcos.com.br, sendo previamente autorizado a todos imprimir, copiar e divulgar;

2) As produções (mediúnicas ou não) levam apenas o nome do Grupo Marcos e dos amigos espirituais, quando for o caso;

3) Para colaborar conosco, ou caso você queira nossa ajuda, basta nos contatar;

Conheça o Grupo Marcos

4) Nosso maior compromisso é com a coerência, o estudo e divulgação da obra de Allan Kardec. Dentre suas obras, a Codificação e a Revista Espírita são as que norteiam o nosso trabalho;

5) Nosso compromisso específico é com a formação da Nova Geração, sem excluir ninguém de nossas atividades;

6) Nos propomos a produzir livros e programas de vídeo e áudio, ter encontros de estudo, presencial e virtual, de modo a colaborar com o movimento espírita.

Breve Nota

Os trechos citados são indicados pela equipe espiritual, cabendo a equipe encarnada a responsabilidade da tradução ou escolha da tradução. Adotamos, na maior parte das vezes, a tradução de José Herculanô Pires.

COORDENADOR DO GRUPO MARCOS

Ivan Santos de Albuquerque nasceu em Brotas, estado de São Paulo, em 16/01/1918 e desencarnou em 05/04/1946, com 28 anos. Jovem dedicado ao Bem, foi espírita sincero e trabalhou intensamente em prol da Doutrina Espírita e do amparo de quem sofre. Soube sempre se sacrificar em benefício dos irmãos e familiares, como também de todos que encontrou em seu caminho. Esse amigo coordenou nossas atividades entre os anos de 2001 e 2016.

Nosso coordenador atual apresenta-se como: “O amigo espiritual de sempre.”

O Grupo Marcos tem a direção geral de Eurípedes Barsanulfo.

OUTRAS OBRAS

Série Se a Mediunidade Falasse:

1. Iniciação
2. Vampirização
3. Despertar
4. Medo e Mediunidade
5. Cristianismo e Mediunidade
6. Antes do Consolador
7. Consolador
8. Renovação Social e Imortalidade
9. Pequena Mestra
10. Aventuras de um Morto
11. Conversas com José

Meu Amigo: Eurípedes Barsanulfo

CONTATO

Tenha acesso a todos os livros de forma gratuita e, se desejar, mantenha contato conosco

Visite nosso site

WWW.GRUPOMARCOS.COM.BR

Inscreva-se em nossa lista de e-mails para ficar atualizado. Clique Aqui.

Entre em contato

GRUPOMARCOSCONTATO@GMAIL.COM

